

CARTASQUAISQUER

ANGELA QUINTO

Caro leitor-ouvinte

Mando notícias do mundo de cá, lanço essas palavras-sementes, como convite a um possível encontro.

Há pouco mais de 2 anos me embrenhei num projeto, que em seu início não tinha nome ou destino e que estava inserido na virada dos 60.

Começou com um desejo, num universo muito particular e foi alcançando desdobramentos e ampliações, desembocando em lugares inesperados e em muitos pontos encontra-se inacabado.

Das intervenções nas cartas que meus pais trocaram na época de noivado ao tingimento e elaboração de um boubou (vestimenta Hausá) caligráfico vivem as palavras deste texto, uma possível reflexão sobre as relações entre tempo, espaço e acontecimento.

Te convido, então, para uma viagem entre a experiência e a palavra. Podemos ficar com a palavra falada?

Mesmo sendo um texto escrito, é um relato de caminhada num fazer artístico multifacetado que carrega em si a mescla muito própria da oralidade, onde a fronteira entre procedimento, estratégia e voz poética, entre subjetividade e objetividade, entre diferentes temporalidades nem sempre é muito precisa.

Toda narrativa ainda está impregnada de uma memória viva, de força energética e talvez por isso sinta a necessidade do texto ampliado, menos formal, atribuindo a ele, aquilo que é tão caro a todo artista caminhante: a movência, a força nômade da voz.

É bem provável que você encontre trechos onde a leitura em voz alta lhe traga prazer.

Quero ainda fazer um acordo com você leitor ouvinte: podemos nos movimentar no texto como quem caminha à deriva, sem âncoras claras e definidoras?

Trago comigo questões quanto à forma da narrativa escrita, direcionada ao e pelo mundo acadêmico, pautada pela visão de mundo ocidental hegemônica, centrada no continente europeu. Tenho descoberto outras formas de oferecer substância à linguagem, onde o status da racionalidade e especificidade dá lugar a aragens, resíduos, colagens, traços, retalhos, pistas.

Algo similar tenho encontrado no tingimento por reserva, um conjunto de diferentes técnicas oriundas de vários povos do continente africano, onde o grafismo surge a partir do que foi reservado ou escondido por amarrações ou costuras.

Diante destes tecidos, percebemos uma zona intermediária, causada pela ação da água, entre o que se revelou e o que havia sido ocultado.

Penso que aqui situa-se minha narrativa, nesta região híbrida, intertextual.

Em síntese, encontro-me em meio a uma pesquisa de linguagem (verbal, plástica, escrita) no plano artístico e quero fazer deste texto o mesmo campo de experiência.

Neste per-curso 6 menires (ações e estados) funcionam como um sistema de orientação.

Cada um deles está inserido numa paisagem onde os trabalhos produzidos tornam-se ruas, vias, rotas, estradas, e os apenas esboçados ou não concluídos, surgem como terrenos baldios ou espaços vazios.

Você encontrará registros fotográficos dos trabalhos realizados; os que estão em processo permanecem sem imagem, para que se preserve aquilo que eles têm de vazio.

O 1º menir instaura o lugar da tessitura da palavra em diferentes materialidades.

No entorno do 2º menir há os trabalhos relacionados à escrita dos cupins abordada na dinâmica juntura-sutura.

O 3º menir situa-se no território ritual da performance.

Atravessamento, nomadismo, deriva, poderiam ser palavras esculpidas no 4º menir.

Já o 5º, sugere o lugar da pausa, onde o tempo se alonga e lentifica.

KA, o espírito da eterna errância é celebrado através do 6º menir.

Uma palavra a mais sobre o projeto CartasQuaiquer: esse nome que se revelou durante o processo, rompe num certo sentido com tudo que é particular, a todas as noções correntes de propriedade, abrindo espaço para o que não necessita de qualificação.

CartasQuaiquer passou a ser o sujeito da ação, assumindo seu ser tal qual é. Agora eu o sigo.

Que possamos, querido leitor-ouvinte, permanecer lado a lado nesse lugar de qualquer e ninguém, apostando todas as nossas fichas no fracasso dos dispositivos de poder. O que te parece?

As sementes estão lançadas, agora é só chamar o vento e deixá-lo falar.

(deixar em branco para o mapa)

A 2 I V
V 2 A 0
A 2 E
D A V 2
A 2 A I
2 A R A
2 0 ã V
R E V 2
2 A D E
V I S A
D A 2 V
E S G A
2 V A D
I A 2 A
A R A 2
V ã O S
2 V E R
E D A S

uma caixa guardada desde sempre no maleiro dos armários dourada numa das mudanças ganhou a etiqueta quarto do casal quando o pai fez a última mudança levou-a em suas mãos “pode ler” cartas trocadas na época de noivado entre 1950 e 52 depois da morte do pai foi aberta em silencioso cuidado as cartas estavam separadas as dele amarradas com uma fitinha branca eram em menor número as delas dividiam-se em dois montes depois do olhar percorrer envelopes selos carimbos e caligrafias as mãos fecharam a caixa com a morte do irmão os móveis da antiga tipografia chegaram como herança trabalho árduo até que o restauro e preservação da memória tornou-se trabalho linguageiro desvelar a caligrafia dos cupins ação diária por três meses depois retomar as cartas aqueles entes dobrados guardados por sessenta e seis anos foram desmembrados em trezentos e quarenta e dois selos um cem número de carimbos fotos e postais recortes de jornal e uma coleção de papéis de seda que protegiam os envelopes como polvo os olhos capturavam linhas palavras e tudo via e degustava como riscos gestos movimentos ritmos só mais tarde todo aquele grafismo foi lido em voz alta ouvir deslocou o significado para a esfera das intensidades

1. TESSITURA TECIDO TRAMA TEXTO

o 1º menir, aquele que instaura o lugar da tessitura da palavra em diferentes materialidades

A. Tecer: primeiro contato com as cartas de forma mais íntima. Cortar, sem ler as linhas escritas. As do pai no sentido do urdume, as da mãe na direção da trama. Tecelagem uniforme, linear, binária. Da estrutura fechada do tecido, sobram palavras que parecem escapar, como se não dessem conta do que foi ali tratado. Um tecido aéreo com palavras soltas, onde uma frase incompleta escrita pela mãe – todos os meus anseios, enfim querido – voam e caem no *chão-moldura* de madeira. Tudo que fica daquilo que escapa: síntese e síncope do encontro entre uma mulher e um homem, muito além de pai e mãe



Olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas
(Ana Cristina Cesar)

B. Tecer espaços: das palavras que voam, do entrelaçamento das linhas em branco que convidam ao vazio e silêncio surge uma novo tecido. Sustentado por fios de cobre no urdume, a trama dá lugar a espaços vazios, as linhas das cartas do pai e da mãe se torcem, os papéis de seda dos envelopes entram na composição, assim com os finos fios de cobre auxiliam nos espaçamentos.

Palavras em fusão flutuante pairam numa superfície de espelho desdobrando olhares, surpresas.



Tá tudo solto na plataforma do ar
Tá tudo aí...
Quem quer morrer de amor se engana
Momentos são, momentos drama
O corpo é natural da cama..
Vou caminhar um pouco mais atrás da rua
(Luiz Melodia)

C. Taumazen (espanto pelo novo): Do próprio ato de tecer, da reconfiguração das palavras num outro espaço, do tirar de cada linha, palavra, letra o empoeiramento do passado e dar a elas um novo corpo tátil-sonoro.

Do processo de trabalho por três meses com os móveis e cupins e o convívio com a esfera da ancestralidade de uma maneira muito próxima.

Da ausência de planejamento, seguindo idéias e desejos destituídos da necessidade de amarração, tendo como medida apenas o próximo passo ofertado pelo processo diário.

Através destes entrelaçamentos, toda a existência ganha intensidades. Só há processos.

E, num único instante chega uma lucidez como uma raio de lâmpada, trazendo uma mudança radical que desloca o eixo do corpo. De ponta cabeça – como um bufão – o mundo torna-se outro.

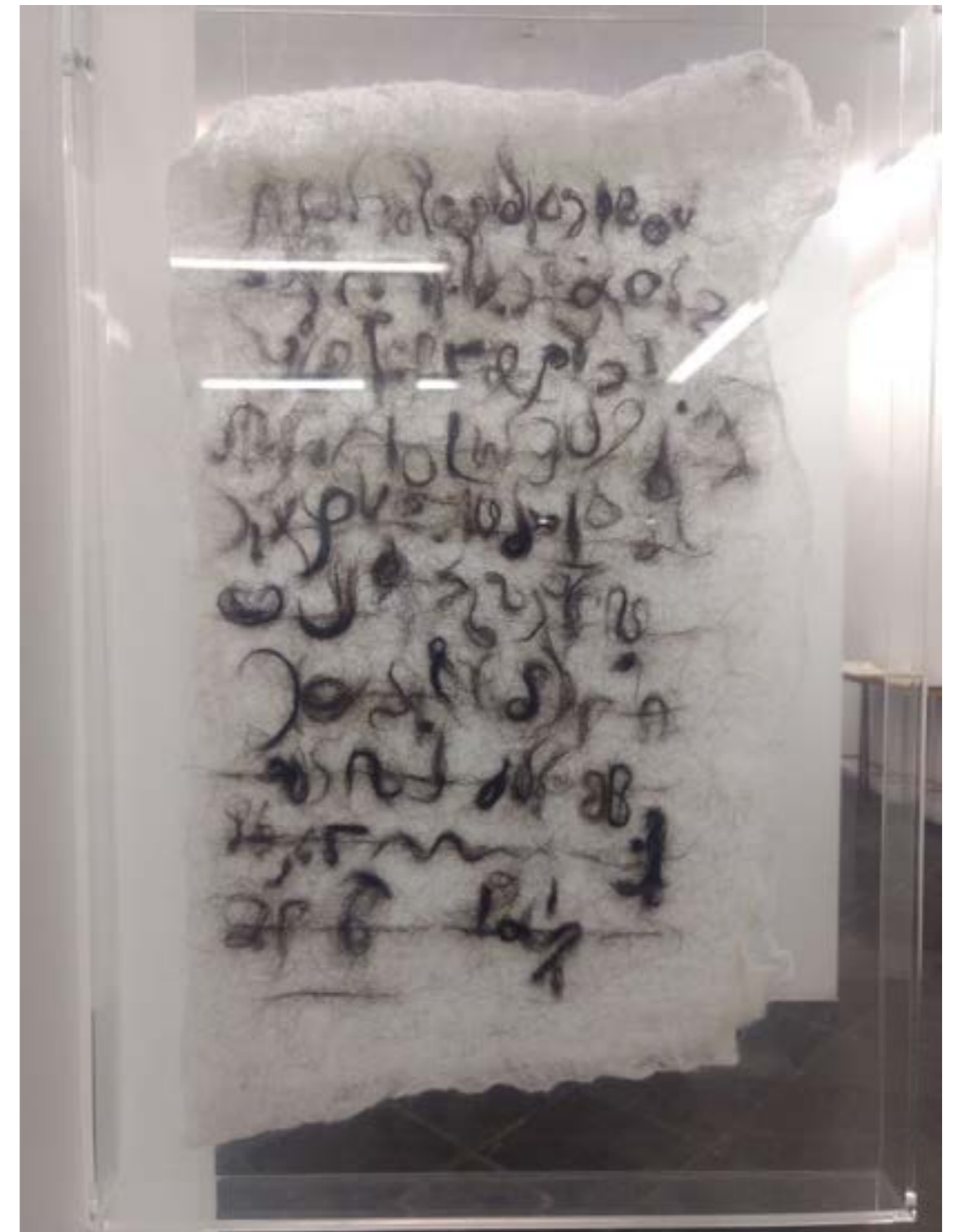
Uma premissa construída ao longo da vida, baseada na idéia de falta, originária da relação parental, foi derrubada, e nesse vazio, surge a seguinte presença: meu corpo *poético/linguageiro* foi constituído aqui na troca de cartas, na palavras trânsito entre *desejos-sonhos-expectativas*.

Devires.

A manifestação diante deste acontecimento veio do próprio corpo: a feltragem sobre lã merino de uma carta, com escrita inventada, feita com meus próprios cabelos.

Agulhar os cabelos no processo de feltragem produz novos agenciamentos; através de uma ação repetitiva e primitiva, carente de significado, há um desligamento de transmissores que representam antigas e estratificadas estruturas.

Da nova linguagem: *corpo-palavra-cabelo* ouvem-se novas ressonâncias



ORÍ
TUDOCOMEÇAEACABANACABEÇA
[Ricardo Aleixo]

D. Tecer a tridimensionalidade do corpo: o corpo, agora, tem pouco a dizer, usa o cobre como urdume, num mar de metal sonoro, usa a palha da costa para a trama. Mineral e vegetal oferecem flexibilidade e resistência, e acolhem palavras peixes (quase mudas), que foram pescadas a partir de uma visada sutil sobre as cartas. A voz se lança ao ler e fiska palavras ao acaso.

Com um espelho no fundo da moldura, a voz de cada palavra deste mar de metal espelhado é um convite para o aparecimento de um rosto – outro corpo, novas camadas de olhares, outros planos e sentidos: eventualidades



Os corais são bichos que fingem ser plantas, e plantas que fingem ser pedras, e pedras que querem fingir como bichos. Da mesma maneira, uma coisa só é uma coisa quando disfarça seu afeto e fúria. Eis aí, paradoxalmente, toda a humanidade das coisas: sua aptidão para o teatro.
(Marcílio França Castro)

E. Entretecer: O mergulho no processo criativo pede sutilezas, um tecido com menos estrutura é experimentado, mas não se sustenta em sua quase virtualidade, e permanece inacabado, em estado de esboço. Mesmo assim, não é descartado, e o contato com essa incompletude assume a potência de uma pergunta que até o momento não pôde ser formulada. Aqui a falha é intuída como uma fissura, uma fenda aberta.

Nesse estado, o carimbo dos envelopes com a palavra EXPRESSA, funciona como um gatilho. Um corte longitudinal e vertiginoso rompe antigos padrões sobre tempo, produção, estrutura.

Das dobras e cortes nessa única palavra carimbada, nasce um *poemínimo*:

A

PRESSA

PESA

EX PRE SSA

ESSA

REZA

Construído com fios de cobre de baixo calibre em inúmeras camadas de tramas cruzadas. No reverso a ausência.

Nesse entremeio uma linha de pesquisa aponta para um quase desvio. Em washi (papel japonês) uma série em torno da palavra CARTA foi elaborada:

Carta à La poema dadaísta

Carta dadaísta com movimento

Carta astrológica (Touro e Libra a partir de sinais gráficos)

Mapa da rodovia por onde as cartas transitavam

Carta natal, carta hidrográfica: como projeto futuro

Em meio ao caos, ampliar as cartas originais em cópias xerográficas foi um impulso levado à ação. Inesperadamente nesta ampliação as palavras sumiram. Manchas como pixels tomaram a superfície do papel. A prática do erro, ganha a força de um problema, repetir o erro transforma-se em jogo .

Da palavra ERRO nasce a palavra EROS, do X que marca cada erro surge a figura de EXU, o dono da palavra, senhor das encruzilhadas.

Uma composição gráfica com estas três palavras é experimentada e ainda está em aberto, sem uma resolução final, oferecendo pistas para a não completude existencial de todas as coisas.

“Em que está trabalhando?”, perguntaram ao Sr. K.
Ele respondeu: “Tenho muito o que fazer,
preparo meu próximo erro.”
(B. Brecht)

F. Da insurgência do desejo: o quase interdito em relação à leitura das cartas, para não adentrar na intimidade dos pais, dá lugar ao desejo até então inconfessável, de violar segredos, de colocar-se como voyer da cena originária.

Em um universo bem particular, do relato do cotidiano, do partilhar músicas ouvidas no rádio, dos filmes ao interesse por esportes, dos encontros, amizades e sonhos futuros; é vislumbrado um casal parental até então desconhecido.

O contato com sentimentos e subjetividades, o uso de figuras de linguagem e até mesmo de formas poéticas, produz uma distensão na alma, a envergadura da vida se amplia e a voz lírica dos pais pode ser ouvida.

Ao chegar à expressão desse desejo, tive a oportunidade de vivenciar o que estava ao redor dele, de percebê-lo não como algo isolado, mas sim, estabelecer novas conexões que funcionaram como um elemento perturbador, que rasga o inconsciente como palco de determinações familiares, e faz dele lugar de múltiplos sentidos, produtor de novos jogos e agenciamentos.

A partir desse ponto do processo criativo, o universo familiar passa a se constituir apenas como mais um desdobramento de um grande mosaico.

G. Intramundos – tecer virtual: Através da utilização de um software de editor de imagens, as cartas foram “limpas” para que ao serem ampliadas, aparecessem somente as palavras. Nas cartas formato A2, A1, A0, todo o conteúdo tornou-se inteligível e várias intervenções foram realizadas.

Os papéis saem da mesa para o chão, nos traços, linhas, borrões, jatos de tinta feitos com pincel, esponja, mão e o próprio corpo. Um caos gerado conscientemente abre domínios sensíveis.

Nas intervenções caóticas, repetidas por três dias, recortes, colagem, raspagem, dizem não mais de uma composição, e sim, de um processo onde a tensão de forças de desconexão caminha para um aniquilamento. A degradação fica potencializada pelo fato de que o trabalho se deu sobre cópias das cópias.

Quando o caos máximo parece ter sido atingido, as grandes folhas limpas, de escrita ilegível foram retomadas. Depois de tanto movimento, uma pausa. Olhar, passar as mãos como que convida algo a aparecer. Com os dedos seguir a dança em movimento das palavras sem sentido. Repetir e repetir esta ação tanto na carta da mãe quanto na do pai. Com um pincel de caligrafia contornar aquelas formas-desenhos, como uma criança pequena que pouco ou nada se interessa pelo sentido oculto ou pela dimensão semântica, apenas pelo simples prazer do momento.

Veza por outra, dimensões do tempo se abrem, e a sensação das mãos de pai e mãe ganha contornos de realidade.

Na *mímeses* daquelas escrituras insólitas, o esmero na repetição do ritmo, da pressão e do peso, da qualidade dos traços, contribui para que fronteiras entre corpos fiquem borradas

Só então os movimentos ganham fluidez e liberdade, não obedecendo as direções da escrita ocidental.

Na carta materna os traços ocupam três planos que nos remetem à configuração dos trigramas do I CHING. Linhas bailarinas dançam entre esses planos, e deles não fogem, apesar dos giros e volteios. Esta peça feita em papel, depois de fotografada, recebe a impressão em crepe-de-chine.

Na carta paterna a preponderância está nos movimentos amplos, sinuosos e abertos. Letras e palavras formam desenhos de ferramentas e constelações e sempre seguem a direção da direita para a esquerda, trazendo o elemento sensual da escrita árabe. Um poema sonoro feito unicamente com a palavra FRACASSO, ocupa a parte central desta peça, impressa em papel japonês.

“ O que gosto em seu corpo...é o sexo. O que gosto em seu sexo é a boca...o que gosto de sua boca é a língua...o que gosto de sua língua é a palavra...” (Julio Cortazar)

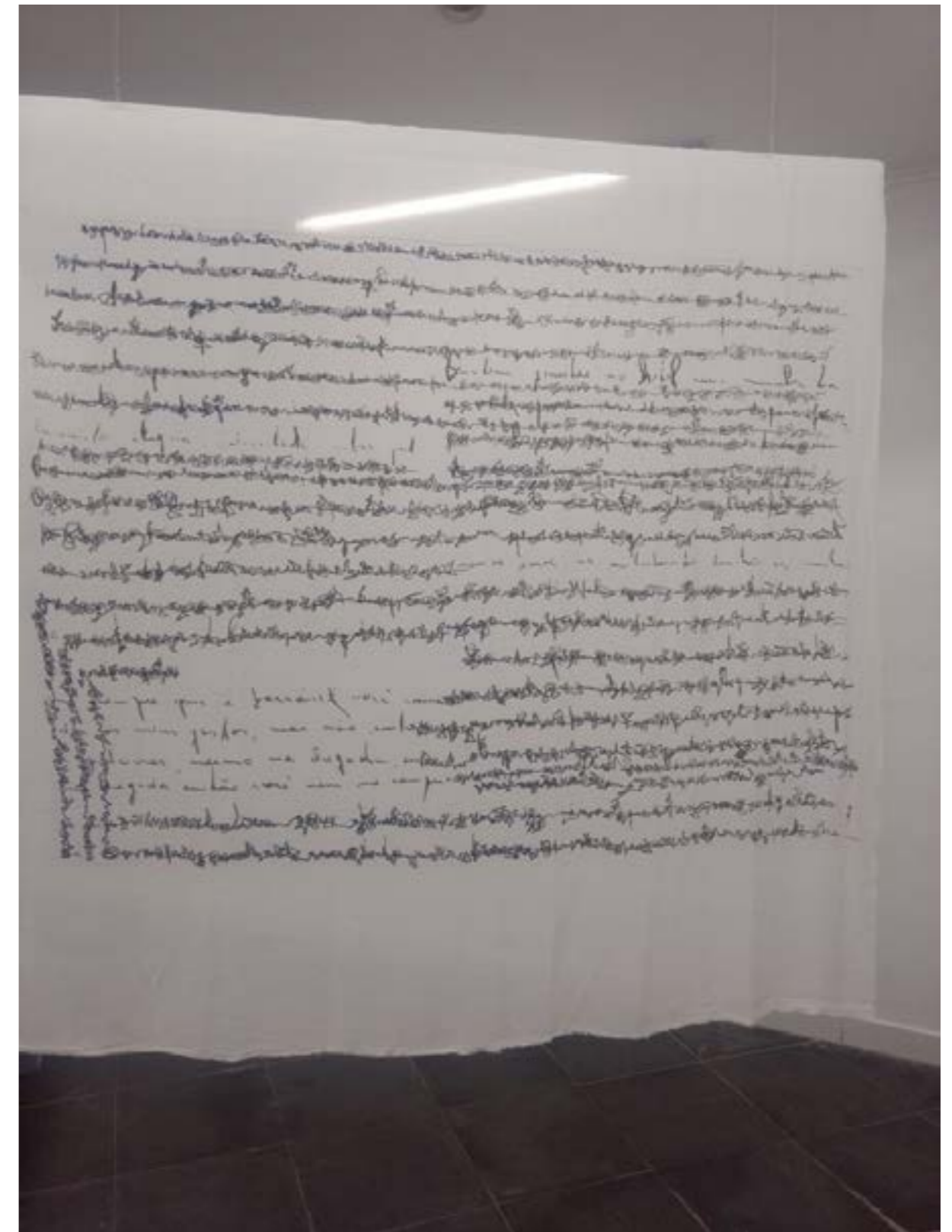
Como não só de ampliações se faz os movimentos do mundo, muitas reduções foram realizadas. A busca é a mesma: o apagamento do sentido.

Nesse processo o caos máximo foi também diminuído, em mais de novecentas cópias, de três centímetros, para tornar-se o múltiplo caos diminuto, potência de insignificâncias.

Desse movimento surge o desejo de tecer virtualmente cópias das primeiras cartas que sofreram intervenções. Reduzidas a dois centímetros e meio, dispostas em cruzamentos de modo a formarem um tecido padronizado de oitenta e três por quarenta e nove centímetros; foram impressas em papel japonês

O que no início foi tratado como materialidade original bruta, as cartas em si, em uma série de interferências, apagamentos, desvanecimentos; a coisa passa a ter um modo de existência virtual e que mesmo depois, quando ganha novamente uma aparição em papel ou tecido, mantém um enorme distanciamento de sua existência primeira. Entretanto, o impercebido, permanece aderido à matéria. Está ali.

Esses corpos-cartas que atravessam modos de existência, que carregam em si tanto a sombra do real quanto provocam novos gestos, se aproximam daquilo que podemos chamar de pressentimento e talvez como corpo, ocupe o lugar de *instanternidade*.

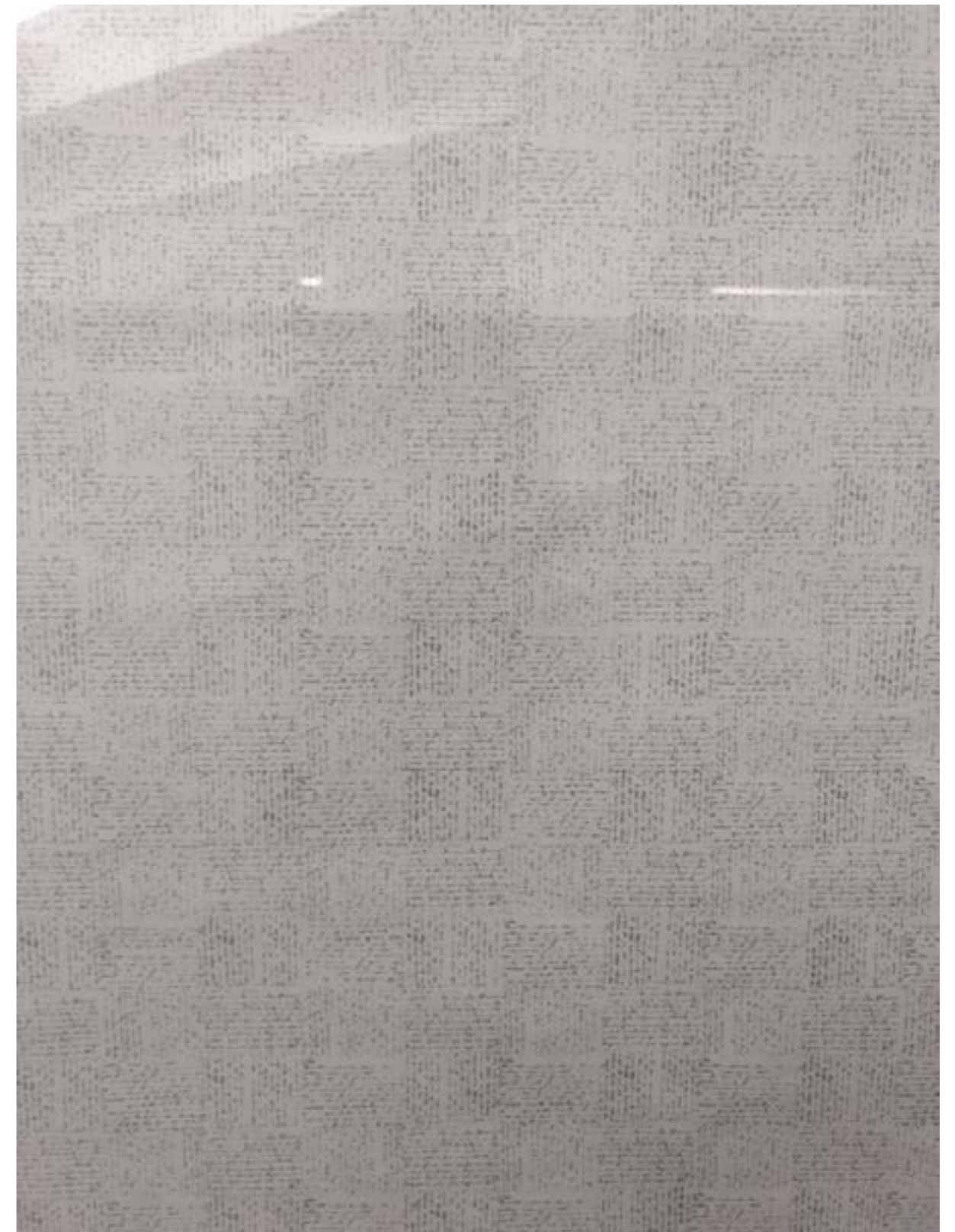


carta (impressão em crepe-de-chine sobre intervenção em carta materna).

“bababadaIghahtakamminarronkonnbronntonrronn-
tuonnthunnvarrhouanwntooohooordenenthurnuk”
(James Joyce)



cassofracasso (intervenções sobre carta paterna ampliada).



trama (diminuição das cartas paternas e maternas, criação de um tecido virtual).

H. Concretude: No território onde decomposições ruína, acaso, cortejam o fugaz, a leveza e imaterialidade, uma espécie de nova dimensão emerge, e o fracasso, torna-se fracasso exemplar

A palavra ganha o núcleo quente da experiência.

E nesse *terminício*, fronteira porosa que arranha os limites da fisicalidade, o abandono da palavra aponta para uma nova paisagem.

Do virtual ao fracasso, do fracasso ao abandono, do abandono à concretude. A palavra como objeto, a palavra objeto.

Do remoinho criado a partir de aumento e diminuição das cartas, dos aspectos extra e infra-ordinários dessa experiência, surge um novo trabalho, que tem como suporte a gaveta de tipos da antiga tipografia paterna.

Uma parte das 900 cópias do caos diminuto tenta estabelecer uma conversa com os selos das cartas dispostos em espiral. No embate com a materialidade, a idéia inaugural perde, um recuo é necessário, na medida em que a intenção não se manifesta satisfatoriamente e pede, para um futuro, novos riscos.

O *riocriador* deságua numa nova composição. Objetos pertencentes ao universo da costura e tipografia (tesoura, carretéis, dedal, agulha, materiais brancos, separadores, tipos, clichês) ocupam os compartimentos de outra gaveta de tipos móveis.

Objeto e palavra se articulam e adquirem uma forma estável e temporária, na medida em que não havendo um vidro que fecha a peça, aquele que a vê é colocado diante da possibilidade de intervenção



O grafo da letra
A letra grafada
O grifo da letra

A droga do tempo
O tempo dragado
A draga do tempo
(Sebastião Uchoa Leite)

2. JUNTURA SUTURA CISSURA FISSURA:

o 2º menir, onde é abordado os trabalhos relacionados à escrita dos cupins na dinâmica juntura-sutura

Desde o momento em que o trabalho com a linguagem se sobrepôs ao da preservação da história familiar, nos móveis da tipografia; esse pequenino e desprezível verme, o cupim, assume contornos de vetores de força que disparam flechas em várias direções.

A pesquisa sobre os cupins mostra um potencial muito maior que o fator praga. Todas as espécies são *eu-sociais*, não existem cupins solitários, eles possuem divisão reprodutiva do trabalho, sobreposições de gerações e cuidados cooperativos, em situações de emergências, eles não entram em pânico, nem abandonam os pares. Foram os primeiros animais a formarem sociedade, há cerca de duzentos milhões de anos.

É na revoada que os pares se formam, e o casal procura um novo local para a colônia. Todos eles desempenham importante papel ecológico no processo de ciclagem de nutrientes, formação e aeração do solo; são considerados super decompositores e auxiliam no balanço Carbono-Nitrogênio. A forma dos cupinzeiros é diversificada e vai desde galerias difusas nas madeiras, até complexas redes subterrâneas, feitas de fezes e/ou madeira sedimentada com saliva. Os cientistas estão descobrindo que os cupins e seus habitats são cruciais para a saúde e vitalidade de uma série de regiões, desde os desertos às florestas tropicais, porque funcionam contra a erosão e armazenam nutrientes.

Esses ninhos são ocupados por aranhas, lagartos, ratos, besouros, pássaros, cobras. Um espaço de coexistência, da vida coletiva.

Os cupins são animais que podem nos mostrar caminhos políticos?

Outra característica que qualifica o homem em seu caráter humano, a linguagem, pode ser vislumbrada na ação-natureza dos cupins.

Os rastros que eles deixam na decomposição sugerem uma escrita. Mesmo considerando que os animais, não entram na linguagem, pois já estão nela; aquele que sensorialmente se abre para estas cissuras e que sem restrições podem ver, se colocam em estado de surpresa e encantamento, que implica em abrir novos caminhos cognitivos.

Pertencemos ou não a um grande rizoma, onde todos os elementos estão interligados, podendo afetar ou incidir em qualquer outro?

Outra flecha tenciona o arco das questões sobre a passagem do tempo. O que fica depois que partirmos? Nem origem, nem fim: ficar e partir, o tempo e suas circunvoluções.

Os espaços abertos das galerias indicam o passar do tempo e este vazio, abriga os excrementos, dejetos, que como as estrelas no céu são incontáveis. O grão de areia, a estrela, o pó, podem ser vistos como medidas mínimas?

Tempo e espaço em sua relação ultra complexa.

Aquilo que resta, que não serve mais, a inutilidade é imagem e ao mesmo tempo contra-imagem do fluir do tempo?

Que experiência podemos ter diante de uma ampulheta onde os resíduos de cupins são os medidores do tempo?

Mais uma flechada, e desta vez, o arqueiro é Khlebnikov com sua *verbocriação* KA. “Não é difícil notar que a estação da ressonância verbal é o momento nupcial da língua, a época das palavras noivas, e que a estação das palavras saturadas de razão, é a estação da abundância outonal.”

“Quando porém as palavras-sons, ao surgirem, aparecem como fórmulas, encantações, evocadores obscuros de um longínquo passado, elas concentram em si o máximo de energia: ultrapassam a razão e apelam diretamente para o crepúsculo da alma, - o mundo dos sentidos e dos sentimentos. Assim surge KA – a sombra da alma.”

Cupim: ser noturno – quase cego – secreto – quase mudo – canibal; como imagem do duplo, o *döppelgänger*, aquele que caminha ao lado?

Todas essas camadas de elementos, imagens, idéias funcionam como carregamento de possibilidades e é levado para um novo trabalho: um livro objeto.

Em busca do ato de escrever, e nada mais, um fio de linha preta sugere, evoca, a escrita do *poeta-mudo-cupim*. Dar voz ao verme, à palavra bruta, a partir das mãos, que ao fazer, tornam-se os únicos agentes pensantes de todo corpo: este é o todo o labor.

A prática da escrita não funcional como gesto, impulsiona a criação de um alfabeto de cupins. Em cada unidade verbal, corpo e voz, voz e corpo estão graficamente imbricados.

Em forma de rolo, um papiro-cupinzeiro abriga a escrita visual, e ainda está em processo de elaboração.

A amplitude do universo *cupinesno* pede uma cosmogonia. Um projeto de início de mundo invertido onde os seres humanos se originam dos dejetos que fertilizam a terra noturnamente, está esboçado.

Ainda sob o manto de proteção dos cupins, uma performance – só 10% é praga – em parceria com Silvia Meccozzi, foi realizada, em outubro de 2017, na Oca da Fazenda Serrinha, como parte do programa de pós graduação “Caminhada como método de educação e arte”; e, uma pequena canção de ninar cupins com palavras inventadas baseadas na sonoridade tupy, foi escrita por mim e melodiada por Consuelo de Paula



Livro objeto.

Na terra muquém
devora kapi, kapi
vorazes devoram
línguas se arvoram
em rotas memórias
marcadas na tripas, ripas
lenhos, veios, fibras, linfas
sangue são rios na noite
de uma escrita selvagem.
Do ventre da terra
cai maloca Macunaíma
tripa-térmita
a inventar
imensa preguiça
(Angela Quinto)

Só 10% é praga – performance
Fazenda Serrinha. Foto: Moyra
Madeira.



Só 10% é praga – performance
Fazenda Serrinha. Foto: Moyra
Madeira.

3. PREVER O PASSADO SAUDADE DO FUTURO:

o 3º menir situa-se no território ritual da performance

Buscar no calor da infância uma história perdida: a relação com o corpo sonoro. Encontrar nos ruídos, barulho das máquinas, de impressão e costura a música existencial.

Atravessar as palavras como paixão primeira, experienciar suas diferentes camadas: a escrita, caligráfica; a palavra oral em sua emanção vocal; a palavra ouvida e seus silêncios; a fisiologia da sua taticidade; o tangível da palavra que magicamente cria espaços; a palavra engajada no corpo como carne; a palavra lúdica que através do jogo cria uma realidade compartilhada.

Nesta busca e atravessamento colocar-se em estado de performance parece ser um risco, daqueles a que somos inexoravelmente atraídos.

Marcas sonoras adquiridas ao longo da vida: palavras, frases, ruídos, musica, sons, inserem-se na dramaturgia.

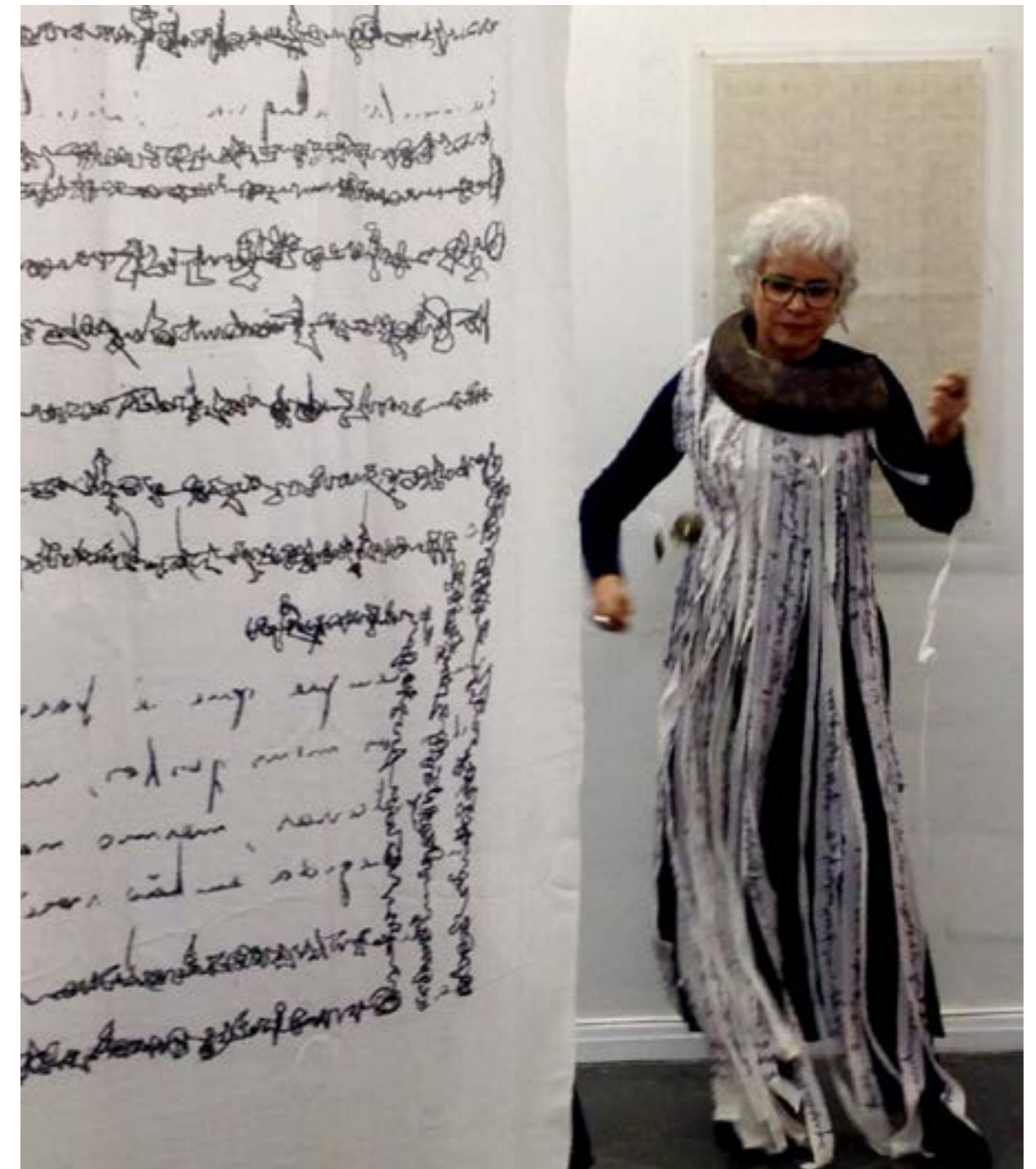
Tais marcas registram-se tanto no figurino (tiras de tecido com escrita assêmica saem de um chifre de búfalo, apoiado no pescoço e usado como instrumento percussivo), quanto em uma mesa onde vários objetos guardados durante a vida

(carretéis, botões, agulhas, peças de maquinário, carimbos, papéis, guizos, caixinha de música) estão dispostos.

Junta-se a essa oficina de sons, o ruído das maquinas de impressão e costura em funcionamento e "dos almas", bolero campeão de preferência, mencionado nas cartas.

Vocalizar, a partir desse universo, de maneira lúdica, por vezes quase selvagem, sem muitos anteparos, numa relação de prazer e jogo intenso tanto com o corpo, o espaço, os materiais, e com o público, deslocando signos, levantando pulsões, traz a tona a questão da presença, que passa e transborda entre muitas esferas: a da intimidade, delicadeza, da potência, estranheza, da precariedade, insólito, do absurdo, da denúncia, do maravilhamento e espanto.

Esta performance foi apresentada nos dias 14 e 28 de setembro no Ateliê Alê, e fez parte da exposição TRAVESSIAS ASSIMÉTRICAS: ESCRITA E MOVIMENTO.



“performance é o único modo vivo de comunicação poética”
(Paul Zumthor)

4. AN – DANÇAS:

Atravessamento, nomadismo, deriva - palavras esculpidas no 4º menir

Abrir palavras, abrir caminhos: dois gestos-movimentos que se cruzam, justapõem, sobrepõem.

Andar e falar são etapas do desenvolvimento humano absolutamente interdependentes, e cada estágio carrega em si todos os precedentes, até que a linha divisória entre eles se tornam invisíveis.

Cada sentido comprometido com o funcionamento do corpo todo, em cada ação, numa acumulação de memória atemporal, medida e dimensão do mundo.

O caminho e a palavra, já estão desde o início do mundo, e precisam ser recriados a cada instante pelo corpo, que é inteiramente afetado pelo mundo.

Não mais origem e fim, apenas os meios que se transbordam.

Participar do CAMINHO DO SERTÃO, em sua quarta edição, em julho de 2017, encontrar em cada vereda a palavra Roseana, pisar no chão das palavras, é o mesmo que experimentar que mundo é livro, livro é mundo.

Corpo-mundo-livro como lugar de passagem.

Como registro dessa primeira grande experiência de caminhada, atravessar quase duzentos quilômetros do cerrado brasileiro na região das Geraes em sete dias, resultou essa carta:

Carta ao Rosa

Rosa! João? O sertão chega antes, não é? Cheio de voltas, bem mais que sete! Vem nas dobras, nos vãos, no principal que é o escuro dos medos. Eu acho, que, a gente toda já lembra o que vai acontecer, é uma saudade danada de ser realmente o que somos, que nos chama pro sertão.

Espelho nosso? Os outros, cada um e todos, os diferentes e os mais chegados, os de longe os de lado a lado, leito seco do rio é espelho, terras altas e buraquinhos, areia fina e cristalina, flor do cerrado, movimento do vento, azul do céumar, o criminal da monocultura e latifúndios, os espaços calados, céu pintado de alegriazinhas estelares, o povo da terra nos movimentos de amor e luta. Espelhos.

Pra verouvir bem, tirei os óculos. Nenhão nunca, os imprecisos os incertos os contornos os descuidozinhos os erros os lapsos se inundaram de tanta clareza. Nesse estado, assim assim cheguei numa vereda, as águas frias alegraram os pés inchados, os tempos se desentenderam na presença de um buriti. O coração disparado dizia que eu havia chegado: árvore primeira-originária, formadora de mundos. Árvore Palavra.

De tardinha rompi em amanheceres.

Vida no sertão é solta, nem tudo é narrável, e por isso, então, peço ao senhor mais uma atençãozinha: no vão dos buracos me oncei. Gargaragem de onça em perigo senti; natureza nossa é versátil. O senhor ache e não ache.

Sonhação acontece de noite e de dia, mas o que lhe conto foi na virada da noite: meu corpo incendiou-se. Ahã! Na última.

Desemboque desembocado está essa experiência de sertão, que nunca não termina -cabelos cortados. Explico: curtinhos como Diadorim; branquinhos, como os olhos da menina viam os cabelos do avô.

27/07/2017

Estar a altura da intensidade da vida faz girar este trinômio corpo-livro-mundo, e uma nova figura surge apontando um vórtex gritante que está implícito na palavra mundo, mas que dela deve ser retirado para que sua dimensão emerja: o outro

Caminhar, palavrear, conhecer, relacionar-se: tudo parte do corpo e para ele volta, em movimento espiralado.

Em uma nova caminhada, realizada em maio de 2018, coordenada por Renato Hofer, arquiteto, artista e colaborador na pós graduação "Caminhada como método de educação e arte"; chamada rota Antijesuítica, um pequeno grupo percorreu 99 km da Praça da Sé em São Paulo até a beira mar da cidade de Santos.

Um novo texto, a partir desta caminhada, registra os acontecimentos que me fizeram a partir da ausência do outro, de um detalhe aparentemente insignificante, reconstruir toda uma história cultural calcada em múltiplos mecanismos de exclusão.

VOCÊ ESTÁ ME VENDENDO?

Ando porque preciso andar. Cada passo é um gole de silêncio, cada açoitado de vento é um alguém qualquer que passa a me habitar. Me desfaço pouco a pouco enquanto caminho, e nos rasgos que se abrem chega o mundo, que é o próprio caminho.

Andar sem saber aonde chegar, seguir o outro e a estrada é seguir o acontecer de tantos agoras.

Quando um certo alguém caminha 3 dias inteiros, cada passo seu passa a ser a medida do tempo, seu corpo inteiro é passo, pé e pele. Bolhas são pontos de estranhamento, de quebra da harmonia e beleza, redutos de um possível andarilho de butoh.

O chão fricciona o pé, e ali, naquela superfície cheia de tensões, atritos geram novos gestospensamentos. Brotam clarões, vislumbres, lusco-fuscões, raios partem formas e métodos. O corpé desloca-se em fluxos.

Como paradoxo ambulante, o andarilho é máquina na contramão do mundo, corpo desabitado de consumo, pausa diante da pressa e velocidade, alma contraproducente, recusa pura e simples, horas mortas e sol negro.

Deste jeito assim, meio gente, meio bicho, meio ente, cabelos desgrenhados, pés sujos e machucados, carregando mais peso que idades, chegamos (eu e todAs de mim) na beira-mar.

Depois de tanto andar, vez de parar.

Ocupar o banco do calçadão, deitar para aliviar os pés; dormir esquecidas do medo. Fragmentos de conversas cotidianas nos trazem de volta. Ainda de olhos fechados sentimos que não há nada a querer, esperar ou fazer. Nada ficamos até os olhos decidirem-se a abrir. Eles olham, dançam.

Não encontram outro par, não são vistos.

Rapidamente percebemos que uma experiência terrível começa a acontecer: nos juntaríamos, a partir de agora, socialmente, ao imenso contingente de pessoas invisíveis.

Permanecemos 4 horas suportando a força deste veneno, um corpo noturno de dor em plena tarde, a chamar uma multidão de outros corpos-vidas em estado permanente de exclusão.

P E R M A N E N T E

Uma velha, uma menina bem pequena e uma cadela de rua com tetas ainda inchadas, esta foi a pequena parcela de humanidade que nos coube, elas nos ofereceram o rosto como espelho.

Todas mulheres.

M U L H E R E S

E, talvez aí esteja o antídoto.

As revoluções virão das mulheres, sabemos disto, virão das mulheres negras, trans, lésbicas, das periferias, das putas, das lideranças indígenas, das presidiárias, do feminismo de base.

Quero estar junto. Só isso.

18/06/2018

5. PLEASE SEND ME A LETTER:

O menir onde o tempo de alonga e lentifica: a pausa

Este 5º menir está intimamente relacionado ao 4º, e dele faz parte, tanto por se inserir nos acontecimentos relacionados às an-danças, quanto a cronologia.

Ao capturá-lo, retiro-o do seu contexto com o intuito de dar visibilidade à sua dimensão de aliança e conexão, por ter se tornado elemento disparador de novas e potentes associações.

Uma carta lida aos participantes do Caminho do Sertão. Carta de um homem, coordenador da reforma agrária de região de Unai, MG. Um ativista, preso por motivos não políticos. Lida pela filha, líder comunitária, do feminismo de base. Ao redor da fogueira, em noite de lua. A carta termina com um poema e um pedido: "Me escrevam."

Passado um tempo, inicia-se a troca de correspondência entre aquele homem e eu.

Escambo quase poético, demasiado humano, espaço aberto e ocupado pelas diferenças e paixão pelo encontro.

Mundos em movência.

Conhecer o trabalho exposto por Amanda Moreto no curso de pós graduação "Caminhada como Método de Educação e Arte", feito com indigentes da cidade de São Paulo, reconstruindo poeticamente o último percurso de setenta pessoas invisíveis; me faz antever uma dimensão social para o fazer artístico que me encontro mergulhada há mais de 2 anos.

O que nos pede o mundo hoje?

Como estar à altura da intensidade da vida?

Onde está a potência da arte em nossos dias?

E mesmo urgente borrar a fronteira entre a vida e arte?

Como fazer do ético, humano, político, poético transbordamentos da arte?

Fazer do ato criativo, do percurso artístico uma alavanca, um cavar pra cima, uma reverberação para um círculo mais abrangente, onde outro eus possam compor essa trama multifacetada, parece ser um novo *por-vir*.

Um novo projeto, a troca de cartas, entre pessoas de fora do sistema prisional, e os que lá estão, começa a ganhar forma.

O primeiro lance de dados: o *momento-agora*.

Fogueiralta, depois de tantandar, um circulum de quengente
sentados em areia fina, desvio do mardeantanho, ouvema
voztrovão duma mulher terra. Trazia poenotícias das grademuros,
detrás, doutroladelá.

Ouves tamvém? A voz da voz, luthamento retumlevante tange
cordis por mais de mil heras.

Ressoam flores da fala em sinais caleidoscópicos, urge pescá-
los para que não se perca o bonde.

Não há escapatura, nem uivos inúteis, apenas aguascorrentes e
etervigília.

6. ENFIM O INÍCIO

O 6º menir, elogio ao KA, símbolo da eterna errância.

Depois de percorrer todo esse caminho chego a algo que já estava desde o início como propulsor e produtor de sentidos para as ações aqui narradas.

Caminho para o outro encontrar.

Esse enunciado, um objeto dado a priori e que ao mesmo tempo precisou da experiência para ser desvelado em sua intimidade.

Uma história oral da tradição Kubá, grupo étnico cultural que habita o cinturão central do continente africano, conta que em ritos de iniciação, os jovens saem de sua aldeia para conhecer o mundo, e conhecer o mundo é viajar até a próxima aldeia, permanecer lá por um período, neste lugar que não é o seu, a qual não pertence e não é reconhecido. Através desse estranhamento a experiência de mundo acontece.

Como é íntima a conexão entre mundo e outro, como são muitos os mundos e os outros, a movência toma o matiz da eterna errância, que tem no KA, seu símbolo.

O KA existe desde as migrações paleolíticas e os primeiros menires surgiram em função dessa errância, que é considerada a primeira possibilidade de habitar o mundo.

Hieróglifos do Ka foram encontrados em diversas culturas e é composto por 2 braços levantados para cima, muito próximo da grafia K. Muito mais que o significado que este símbolo possa ter, interessa aqui a referência explícita ao corpo,

e a imagem do Ka revestindo o menir de pedra.

Caminhar se parece com um imenso jogo. E agora, corpo, grafismo, veste, são elementos de uma outra ação criativa.

Na oficina, coordenada por Celso Lima, "Estamparia Iorubá e Hausá da Nigéria", costurei, tingi e caligrafei um boubou.

Boubou é uma roupa celebrativa, um tecido votivo, usado nos funerais, casamentos, nascimentos, rituais de cura, pelos Hausás.

Os textos dos boubous tradicionais remetem ao Corão. Aqui, foram substituídos por uma narrativa pessoal (o texto do 5º menir) diagramados seguindo os

padrões originais de organização e repetição, acrescentados de símbolos adinkras, verdadeiros enunciados para os Ashantis.

Um boubou que traz o encontro com o outro na própria trama.

E esse encontro é potencialmente tensionado, pois agora é um outro que está ou vem de outro continente e cultura, que traz em si uma concepção e modo de viver que não passa pela assim chamada civilização ocidental.

Que pede um diálogo através de uma comunicação transcultural, que vai além da *multi* ou *interculturalidade*. Algo que leva em conta o *trans*, a diversidade nos seus fluxos e influxos de movimentos, num potente desafio de indeterminações de posições e identidades.

Que sentido pode haver na ação duma mulher branca em confeccionar uma veste/pele caligráfica, recorrendo a elementos de diferentes povos do continente africano, recriando um texto em língua própria?

Ocupar (no sentido de errar, ir e vir, dar-receber-devolver) este território *trans* abre certos espaços para o acesso a uma filosofia que começa na agulha, linha e dobras. Que dá possibilidade de arrancar o peso do pensar, trazendo mobilidade, modulações.

Chegando ao fim deste texto, retomo o início: através do tingimento em reserva, experimentado no boubou, a hipótese de um pensamento mais sutil, que pode nos levar a configurações humanas insuspeitadas, se torna uma paixão.

BIBLIOGRAFIA

Caro leitor-ouvinte, aqui também gostaria de deixar de lado as normas editoriais e acadêmicas das citações e referências bibliográficas, vou optar por um tom mais informal, uma troca mesmo de onde me apoiei para escrever o texto.

1. Quatro livros me forneceram a base para a pesquisa, antes mesmo o início da escrita:
 - a. Walkscapes – o caminhar como prática estética, de Francesco Careri, 1.Ed. – São Paulo: Ed. GG, 2013 (todos os pontos que se refere à caminhada, deriva, menires pode ser aqui encontrado)
 - b. Como viver junto – simulações romanescas de alguns espaços cotidianos, de Roland Barthes, 2 Ed – São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013 (a estrutura dos cursos ordenada por traços, acordou toda a questão da linguagem doutrinal)
 - c. Linha do Horizonte: por uma poética do ato criador, de Edith Derdyk, 2 Ed- São Paulo: Intermeios, 2012 (como ver e pensar o processo criativo, como relacionar, justapor, sobrepor)
 - d. O prazer do texto, de Roland Barthes, 6 Ed – São Paulo: Perspectiva, 2013 (o desfrute de jogar com o leitor)
2. Livros que serviram de inspiração para determinados assuntos e que valem como ampliação e aprofundamento na pesquisa. Estão aqui colocados pelo número da página que aparecem:
 - a. (página) Francis Bacon: Lógica da sensação, de Gilles Deleuze, capítulo O Diagrama – Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2007
 - b. (página) D de desejo: o que é desejo para Deleuze? – #Abecedário Deleuze – NotaTerapia <http://notaterapia.com.br/2016/06/14/d-de-desejo-o-que-e-desejo-para-deleuze-abecedariodeleuze/>
 - c. (página) As existências Mínimas, de David Lapoujade – São Paulo: n-1 edições, 2017

- d. (página) O que os animais nos ensinam sobre política, de Brian Massumi – São Paulo: n-1 edições,2017
 - e. (página) KA, de Velimir Khlébnikov – São Paulo: Perspectiva, 1977
 - f. (página) Performance, recepção, leitura, de Paulo Zumthor, 1 Ed – São Paulo: Cosac Naif, 2014
 - g. (página)Panorama do Finnegans Wake, de James Joyce, tradução Augusto e Haroldo de Campos – São Paulo: Perspectiva,1971
 - h. (página) Pensar Nagô, de Muniz Sodré – Petrópolis RJ: Vozes, 2017
3. .Das citações ao final da cada texto, indicadas pelo nome do autor
 - a. Ana Cristina Cesar, in Poética, São Paulo: Companhia das Letras,2013
 - b. Luiz Melodia, Presente Cotidiano, álbum Mico de Circo, 1978
 - c. Ricardo Aleixo, Ori , in Mundo Palavreado: Peirópolis,2013
 - d. Marcílio França Castro, in Histórias Naturais: Companhia das Letras,2016
 - e. B. Brecht, in Histórias do Sr. Keune, São Paulo: Ed. 34, 2013
 - f. Julio Cortazar, in Papéis Inesperados, R.J.: Ed. Civilização Brasileira, 2010

- g. James Joyce, in Panorama Finnegans Wake, S Paulo: Perspectiva, 1971

- h. Sebastião Uchoa Leite, in Poesia Completa, S Paulo: Cosac Naif,2015

- i. Angela Quinto, poema inédito, 2018

- j. Paul Zumthor, in Performance, recepção e leitura, S Paulo, Cosac Naif, 2014

AGRADECIMENTOS

CartasQuaisquer, faz parte do trabalho de conclusão do Curso de Pós Graduação "Caminhada como método de Educação e Arte", coordenado por Edith Derdyk em parceria com A Casa Tombada, sob direção de Angela Castelo Branco e Giuliano Tierno, pólo educacional, vinculado à FACON.

Este texto polifônico é a síntese de muitas presenças que me acompanharam durante o percurso. Meus sinceros agradecimentos à: Dulcineia Montico, Ricardo Aleixo, Renata Kolisch, Isabel Villaba, Luís Roberto Lima Barbosa, Carlinhos Ferreira, Diana Junkers, Renato Hofer, Saulo Moreira, Débora Gotlib, Gabriel Kolisch, Estevão Nascimento, Fabiano Coelho, Mara de Lima e Gilberto Hofer.

Meu agradecimento especial à Edith Derdyk, que com sua imensa generosidade ampliou meu horizonte artístico e humano.

A todos os docentes do curso que contribuíram através de seus conhecimentos e práticas, enriquecendo minha visão de mundo.

Imensa gratidão às minhas parceiras de turma pelo grande exercício de estar junto, compartilhando dessa incrível jornada.

Reverencio e agradeço a meus pais que através de suas cartas impulsionaram esta pesquisa.

Um grande agradecimento à vida que me presenteou com meus filhos, Pedro e João, com minha nora Celina e meu neto Joaquim, a quem eu dedico este trabalho.

